



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

MUCB (Mulheres unidas contra Bolsonaro): gênero e ativismo feminino e político em coletivo do Facebook¹

MUCB (Women united against Bolsonaro): gender and feminine and political activism in collective of Facebook

Denise Castilhos de Araujo

Palavras-chave: Mediatização, Facebook, Gênero, Coletivos

Introdução

As lutas femininas por respeito e igualdade social não são novidade, pois há mais de cinco décadas as mulheres têm evidenciado necessidades, as quais têm íntima relação com o seu reconhecimento como atores sociais. Muitos espaços já foram ocupados por esses indivíduos a fim de que fossem ouvidas e tivessem seus direitos respeitados, desde a praça pública, aos meios de comunicação de massa. Nos últimos anos, com a mediatização, podemos verificar que grupos de mulheres se constituíram em coletivos e passaram a ocupar ambiências tais como as redes sociais. Muitas mulheres têm aproveitado esses espaços para que seus discursos e pautas requeridas sejam reconhecidas não somente por outras mulheres, que tem acesso às redes sociais, mas também por toda a sociedade. Diante desse cenário, observamos o surgimento de um coletivo feminino constituído somente por mulheres, o qual se estabeleceu como ambiência para discussão de temáticas relacionadas ao gênero. Essa coletividade se

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

instituiu diante e contra um discurso conservador que tem se estabelecido no país nos últimos anos, e que na eleição passada foi fortemente defendido por vários candidatos. Então, ante esse cenário, o objetivo deste estudo é verificar quais temas, relacionados a gênero, foram/são priorizados pelas participantes do grupo, os sentidos estabelecidos nas discussões, considerando para tanto comentários postados, tanto das responsáveis pela página, como pelas receptoras e participantes do grupo. Diante dessa proposta serão consideradas duas bibliografias, uma específica a respeito de gênero, como Beauvoir, Haraway, Scott, Nicholson, entre outras. E uma bibliografia que discute e esclarece aspectos da midiatização, tais como Verón, Gomes, Fausto Neto, Braga.

A midiatização: discussão preliminar

A midiatização é um fenômeno comunicacional e social que vem sendo impulsionado, nos últimos anos, principalmente pelo grande desenvolvimento das tecnologias digitais e das redes. Esse fato tem alterado as relações entre os meios, os atores sociais, e as instituições, abandonando de vez a ideia de linearidade nos processos comunicativos, ocorrendo, na verdade complexos *feedbacks* entre as partes envolvidas (Verón, 1997). Também podemos dizer que a midiatização passa a ser considerada uma hermenêutica para a compreensão e a interpretação da realidade (Gomes, 2017), ou seja, a mídia, considerando as várias ambiências, permite que os indivíduos tenham acesso facilitado a grande número de materiais, a partir dos quais pode perceber o mundo e interpretá-lo, de acordo com suas convicções, ou concordar com aqueles presentes em seus contatos mais próximos. A partir dos textos veiculados, publicados, compartilhados, o indivíduo elabora suas opiniões, considerando valores, pontos de vista, ideologias, juízos de valor, com os quais mais se aproxima. Outro aspecto interessante da midiatização é o aparecimento de coletivos, ou seja, passamos a identificar a fragmentação dos públicos, e a crescente unificação desses, constituindo-se



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

em grupos, elaborados de modo informal ou formal, cujos anseios, ideias, necessidades são compartilhadas.

E, evidentemente, cada um desses coletivos apresenta suas próprias gramáticas, as quais são acionadas tanto no intuito de produção de sentidos, quanto na compreensão desses (Fausto Neto, 2016). Diante desse cenário comunicacional, pretendemos, a partir das produções midiáticas de um coletivo de mulheres instituído na ambiência do Facebook, observar questões relacionadas a gênero e outros temas relacionados, a partir do ativismo político evidenciado em tal espaço.

O MUCB (Mulheres Unidas contra Bolsonaro): Coletivo feminino de Facebook discutindo gênero e temáticas relacionadas

O coletivo MUCB (Mulheres Unidas contra Bolsonaro) se constituiu a partir da inconformidade, por parte de inúmeras mulheres, em relação aos conteúdos presentes nos discursos do então candidato à presidência, e hoje presidente, Jair Bolsonaro, os quais evidenciavam sua opinião, evidentemente conservadora, a respeito de aspectos relacionados à temática gênero. Esse coletivo trata-se de um grupo fechado do Facebook, com mais de 2 milhões de participantes. Destinado a manifestação de mulheres (cis ou trans), o grupo foi criado em 30.08.2018, tendo como denominação anterior a escrita do nome do grupo somente de forma extensa, posteriormente, adotou a sigla como forma de identificação. De acordo com a descrição do grupo no seu perfil na rede social, encontramos: “Grupo OFICIAL destinado a união das mulheres de todo o Brasil (e as que moram fora do Brasil) contra o avanço e fortalecimento do machismo, misoginia, racismo, homofobia e outros tipos de preconceitos. Acreditamos que este cenário que em princípio nos atormenta pelas ameaças as nossas conquistas e direitos é uma grande oportunidade para nos reafirmarmos enquanto seres políticos e sujeitos de direito. Esta é uma grande oportunidade de união! De reconhecimento da nossa força! O reconhecimento da força da união de nós mulheres pode direcionar o futuro deste país!



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Bem-vindas aquelas que se identificam com o crescimento deste movimento”. Após um mês de criação, esse coletivo foi invadido por *hackers*. As contas pessoais de suas administradoras e moderadoras também foram invadidas, as quais inclusive sofreram ameaça de morte. Os invasores se definiram como apoiadores do candidato do PSL à presidência, e tinham a intenção de tirar esse coletivo do ar. O mais interessante é que esse ataque rendeu ao grupo um número muito maior de apoiadoras, fazendo com que o número de seguidoras saltasse de 1,5 milhão para 2 milhões em poucas horas, o que já pode denotar claro apoio das mulheres à iniciativa do MUCB. Atualmente, passadas as eleições, observamos que o número de seguidoras ultrapassa os 2,5 milhões.

Figura 1 – Página MUCB



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/499414607198716/>

A figura 1 ilustra a página inicial do grupo, na qual pode-se ver dois dizeres: “Se podar a gente brota!”, e “Ninguém solta a mão em 2019”. A primeira frase pode ser relacionada à invasão sofrida pela página antes das eleições presidenciais. E a segunda frase é muito utilizada como uma forma de protesto contra o governo Bolsonaro, desde antes das eleições, por vários grupos de mulheres, as quais não se sentem representadas por este governo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Gênero: questões norteadoras

O termo gênero e suas implicações vem sendo discutido pela sociedade há algumas décadas, e várias estudiosas têm como seu ponto de partida a observação realizada por Simone de Beauvoir - “não se nasce mulher”-, bem como nas situações vivenciadas pelas mulheres no pós-guerra (HARAWAY, 2004). Observamos que essas preocupações tinham relação com a necessidade de construção de um sujeito, que até então não existia para a sociedade, ou seja, transformar a mulher em um sujeito na história. O feminismo, como sinônimo de gênero, passou por três frases distintas: a primeira registrou a luta das mulheres pela aquisição de direitos civis, políticos e sociais; a segunda evidenciou lutas pela afirmação das diferenças e da identidade e, a terceira fase deu ênfase à ideia de sujeitos “múltiplos” (SCAVONE, 2008, p. 177). E, a partir da década de 1990 – terceira fase-, vemos que tais discussões são pauta na academia, não mais se restringindo às diferenças entre masculino e feminino. Observamos que houve uma longa caminhada, da qual os resultados foram inúmeras modificações, mas sabemos, também, que mais mudanças são necessárias. Louro define gênero, afirmando que ele é mais que uma “identidade apreendida; é uma categoria imersa nas instituições sociais, o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja [...] são generificadas, ou seja, expressam relações sociais de gênero” (LOURO, 1995, p. 103) A autora ainda afirma que nesses espaços também está presente a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. Além das autoras já mencionadas, também serão consideradas, para este estudo, Beauvoir (2015), Scott (1995), Butler (2003), Nicholson (2000), autoras que definem gênero, assim como discutem profundamente a respeito o tema.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Gênero e ativismo: temáticas discutidas e sentidos elaborados

Para este estudo selecionaremos postagens realizadas pelas participantes do MUCB, considerando o período de uma semana, pois o número de postagens diárias é bastante significativo. Pretendemos observar materiais publicados, a fim de identificar as temáticas discutidas pelas postagens das participantes, bem como os sentidos que tais produções revelam, e o processo de circulação dos conteúdos.

Em observação preliminar, verificamos que muitas postagens se referem a acontecimentos cotidianos e recentes, relacionados ao feminismo, como as publicações de fotografias das participantes do grupo com slogan: “feminista, feia e mal amada”; “Feminista feia (segundo a Damares, toda feminista é né?), grávida e vitoriosa contra o câncer!” “Mulher, mãe de 4 filhos, casada, "macumbeira" e feminista” (postagens do dia 18.01.19). Essas manifestações são protesto de mulheres participantes do grupo, contra posição assumida e divulgada em vídeo, pela ministra do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos Damares Alves, ao afirmar em culto religioso, em 2015, que “feministas não gostam de homem porque são feias”². Apesar de a fala da ministra ter sido proferida há quatro anos, ao ser veiculado na televisão, em programa de notícias e entretenimento, recentemente, a repercussão foi grande e imediata, indicando o posicionamento das participantes do grupo, as quais protestam contra opinião expressada pela ministra, a qual indica, aparentemente, desconhecimento a respeito do significado do feminismo. Essa manifestação gerou uma série de postagens que evidenciam o claro descontentamento das participantes do grupo pelo discurso da ministra em relação ao feminismo. Em algumas das postagens realizadas pelas

² <https://br.noticias.yahoo.com/video-de-ministra-damares-chamando-feministas-de-feias-causa-polemica-na-internet-133306967.html> acesso em 18.01.19.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

mulheres, elas associam outras características ao fato de serem feministas, como grávida, casada, mãe, crenças religiosas, o que evidencia que ser uma feminista vai muito além daquilo enunciado pela ministra em seu vídeo.

Além da temática feminismo, no mesmo dia, foram publicadas postagens a respeito da viagem de parlamentares do PSL e do DEM à China; a suspensão, pelo STF, de processo contra assessor de filho do presidente da República; a liberação da posse de armas pelos brasileiros, entre outras questões referentes a fatos cotidianos. Essas publicações revelam que há outras temáticas que fazem parte das preocupações do grupo, ou seja, a política está sendo amplamente discutida nesse espaço midiático.

O grupo pode ser percebido como uma ambiência propícia à informação e à discussão de questões relacionadas, não somente a gênero, mas também aponta para as ações do atual governo federal e do cotidiano da população brasileira, que impactam na vida dos brasileiros, mas, sobretudo, das mulheres. Este estudo pretende relacionar os temas que têm aproximação com questões de gênero, e também discutir questões que se acercam e se relacionam com a temática mencionada, observando publicações, a circulação dessas, os feedbacks gerados; possibilitando que mulheres de todo o país, e do exterior, ocupem um espaço de discussão de gênero e de ativismo.

Referências bibliográficas

- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo, v. 1. Portugal, Quetzal Editores, 2015.
- BRAGA, José L. Mediatização como processo interacional de referência. Apresentado no GT Comunicação e Sociabilidade, do XV Encontro da Compós, São Paulo, junho de 2006.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- GOMES, Pedro G. Dos meios à mediatização: um conceito em evolução. São Leopoldo, RS, Editora UNISINOS, 2017.
- _____ Mediatização: um conceito, múltiplas vozes.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

FAUSTO NETO, Antonio. Mediatização, prática social – prática de sentido. Encontro da Rede Prosul – Comunicação, Sociedade e Sentido. UNISINOS, PPGCC, São Leopoldo, 19/12/2005 e 06/01/2006.

_____ Dos circuitos à sentença: o impeachment de Dilma Rousseff no ambiente da circulação mediatizada. In: *Mediaciones de la Comunicación*, 2016, vol. 11, p. 97-111.

FILHO, Amílcar Torrão. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu* (24) janeiro-junho, pp. 127-154.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

HARAWAY, Donna. Gênero para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, 2004: pp.201-246

LIPOVETSKY, Gilles. *A terceira mulher*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. In: *Educação e realidade*, UFRGS, v.20, n.2, 1995.

MATOS, Marlise. Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(2): 333-357, maio-agosto/2008

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. 2 ed. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 8, UFSC, 2000.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? *Estudos Feministas*, Florianópolis, 16(1): 288, jan.-abril/ 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf, acesso em 07.01.2019.

VERÓN, Eliseo. Teoria da mediatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. In: *Matrizes*, v. 8, n.1jan/jun 2014, São Paulo. P. 13-19.

_____ Esquema para el análisis de la mediatización. In: *Dialogos de la comunicación*, ed. 48, 1997.